

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE FILOSOFIA

KETLIN DA SILVA GONÇALVES

**A genealogia de Foucault num olhar lançado à hiperconectividade e seus modos  
de subjetivação e capitalização.**

Uberlândia

2021

KETLIN DA SILVA GONÇALVES

**A genealogia de Foucault num olhar lançado à hiperconectividade e seus modos de subjetivação e capitalização.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Filosofia.

Orientadora: Dr. Fillipa Carneiro  
Silveira

Uberlândia

2021

**A genealogia de Foucault num olhar lançado à hiperconectividade e seus modos de subjetivação e capitalização.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Filosofia.

Uberlândia, 20 de Julho de 2021

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Fillipa Carneiro Silveira  
Orientadora (UFU)

---

Prof. Dr. Humberto Aparecido de Oliveira Guido  
(UFU)

## RESUMO

Este trabalho visa verificar a possibilidade de relacionar a genealogia de Michel Foucault a uma análise crítica do presente quanto à questão da hiperconectividade, sobretudo, quanto à utilização das redes sociais, a coleta e processamento de dados realizada pelos algoritmos e a capitalização dos mesmos, assim como o impacto desses mecanismos na subjetividade dos usuários. Nesse sentido, realiza-se em um primeiro momento, uma exposição do método genealógico apresentado por Foucault, sobretudo em suas obras *Vigiar e punir* e primeiro volume da *História da sexualidade*. Sem a pretensão de organizar um método passo a passo ou esgotar o tema, pretende-se apontar algumas prescrições propostas por Foucault e, que poderão nortear a análise proposta. Posteriormente, apresentam-se alguns pontos importantes sobre o dispositivo disciplinar, descrito por Foucault. Posteriormente, procura-se realizar o esboço de uma análise, ainda que inicial da sociedade atual, no que diz respeito à hiperconectividade. Faço uma breve apresentação sobre a evolução da inteligência artificial, o avanço tecnológico que proporcionou o aumento da capacidade de armazenamento e processamento de dados pelos computadores, assim como a assensão da psicométrica, como elementos distintos cujas relações possibilitaram o surgimento e ascensão tanto dos algoritmos quanto das redes sociais online. Na sequência, procura-se a partir da noção de poder em Foucault, apresentar o funcionamento das redes sociais online e, relacionar as técnicas do quadro e do exame apresentadas por Foucault como mecanismos do dispositivo disciplinar, relativamente à questão da coleta, ao processamento e à capitalização de dados que, produzem saberes sobre os usuários ao mesmo tempo em que permitem o exercício de um poder modular sobre eles. Pode-se concluir que a genealogia de Foucault e seus conceitos principais como: relações de saber-poder e dispositivo; têm ainda muito a dizer sobre nosso modo de vida em sociedade.

**Palavras-chave:** Genealogia. Poder. Dispositivo. Algoritmos. Redes sociais.

## ABSTRACT

This undergraduate thesis aims to verify the possibility of relating Michel Foucault's genealogy to a critical analysis of the present the issue of hyperconnectivity, especially regarding the use of social networks, the collection and processing of data performed by the algorithms and the capitalization of themselves, as well as the impact of these mechanisms on the users' subjectivity. In this sense, at first, there is an exposition of the genealogical method presented by Foucault, especially in his works *Discipline and Punish: The Birth of the Prison* and the first volume of *The History of Sexuality*. Without the pretension of organizing a step-by-step method or exhausting the theme, it is intended to point out some prescriptions proposed by Foucault, that could guide the proposed analysis. Subsequently, it presents some important points about the disciplinary device, described by Foucault. In sequence, seeks to achieve an analysis, even if initial, of the current society, about the hyperconnectivity. I give a short presentation about the evolution of artificial intelligence, the technological advance that provided the increase of data storage and processing capacity by computers, as well as the establishment of psychometrics, as distinct elements whose relationships enabled the emergence and rise of both algorithms and online social networks. Subsequently, seeks to present, based on Foucault's notion of power, the functioning of online social networks and to relate the framework and examination techniques presented by Foucault as mechanisms of the disciplinary device, relate to the issue of data collection, processing and capitalization, which generate knowledge about the users while allowing the exercise of modular power over them. It can be concluded that Foucault's genealogy and his main concepts such as: relation of power-knowledge and device; they still have a lot to say about our lifestyle in the society .

**Keywords:** Genealogy. Power. Device. Algorithms. Social networks.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	6
CAPÍTULO 1- O PERCURSO FILOSÓFICO DE FOUCAUL: O MÉTODO GENEALÓGICO E OS CONCEITOS PERTINENTES À ANÁLISE PROPOSTA.....	8
1.1- O DISPOSITIVO DISCIPLINAR DESCRITO EM VIGIAR E PUNIR .....	14
CAPÍTULO 2 - UMA ANÁLISE DA ATUALIDADE A PARTIR DO MÉTODO GENEALÓGICO DE FOUCAULT .....	22
2.1 O SURGIMENTO E DESENVOLVIMENTO DA IDEIA DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL.....	24
2.2 A CRIAÇÃO E VIRALIZAÇÃO DAS REDES SOCIAIS.....	25
2.3 A CONFIGURAÇÃO DE UM NOVO DISPOSITIVO E SUAS TÉCNICAS DE CONTROLE.....	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	32
REFERÊNCIAS.....	33



## INTRODUÇÃO

Michel Foucault (1926-1984) foi um filósofo bastante inquieto com o presente e suas obras, apesar de tratarem de diversos domínios bastante distintos entre si, possuem sempre uma questão norteadora fundamental: como foi possível que as coisas e os sujeitos tenham se tornado como são e não de outros modos? Sua perspectiva histórica analisa essas possibilidades e, com isso, nos leva à reflexão de que há a possibilidade de que as coisas sejam de outro modo. Apesar da complexidade de suas obras e cursos, ele nunca pretendeu encontrar um tipo de verdade universal ou criar um sistema teórico.

Esse trabalho, tem como objetivo verificar a possibilidade de se utilizar o método genealógico apresentado por Foucault, como forma de compreensão da “hiperconectividade” e de seus efeitos na subjetividade dos indivíduos. A intenção não é descrever de forma minuciosa o método genealógico, nem realizar uma análise minuciosa, aprofundada e complexa da atualidade. A real intenção é demonstrar que os apontamentos feitos por Foucault em sua genealogia e sua perspectiva sobretudo em relação ao poder, podem servir como uma base instrumental bastante pertinente para se pensar o presente. Para isso, serão utilizadas além das obras de Foucault, obras atuais como *A sociedade de controle: manipulação e modulação nas redes digitais*.

O primeiro capítulo apresenta uma exposição do método genealógico exposto por Foucault, sobretudo em suas obras *Vigiar e punir* e primeiro volume da *História da sexualidade*, e destaca algumas prescrições e conceitos fundamentais propostos por Foucault, que poderão nortear a análise proposta. Ainda no mesmo capítulo, são apresentados alguns pontos importantes sobre o dispositivo disciplinar, de modo a relacioná-los com à análise da atualidade proposta no capítulo seguinte.

O segundo capítulo procura discutir a questão da hiperconectividade à luz do método genealógico. Nesse sentido, o capítulo apresenta como condição de possibilidade do surgimento dos algoritmos e das redes sociais online, as relações entre alguns elementos distintos: a evolução da inteligência artificial, o avanço tecnológico que proporcionou o aumento da capacidade de armazenamento e processamento de dados pelos computadores e a ascensão da psicométrica. Posteriormente, procura-se, a partir da noção de poder em Foucault, apresentar o funcionamento das redes sociais online e relacionar as técnicas do quadro e do exame apresentadas por Foucault como mecanismos do dispositivo disciplinar, à questão da coleta,

processamento e capitalização de dados, que produzem saberes sobre os usuários ao mesmo tempo em que permitem o exercício de um poder modular sobre os mesmos.

A hiperconetividade é um problema atual bastante pertinente e que precisa com urgência ser mais bem compreendido para que se possa a partir disso, exercer resistências e encontrar novos caminhos menos nocivos à privacidade e à subjetividade dos indivíduos. Nesse sentido, considera-se de extrema importância que campos tão ricos em instrumentação de análise como o da filosofia se voltem para esse tipo de problema atual, como base e auxílio pra pensá-los de modo mais profundo e, encontrar alternativas mais bem elaboradas. Essa é a motivação por trás desse trabalho, assim como um espírito inquieto que se descobriu bastante foucaultiano no decorrer da graduação.

## 1. O percurso filosófico de Foucault: o método genealógico e os conceitos pertinentes à análise proposta

Alguns especialistas costumam dividir a obra de Michel Foucault em três fases distintas: a arqueológica (de 1961 até 1969), a genealógica (de 1970 a 1978) e a ética (de 1978 até 1984). Apesar da grande quantidade e diversidade de campos sobre os quais Foucault pesquisa e escreve, há sempre uma questão central norteando suas análises: Quais as condições de possibilidade do sujeito na atualidade ser como é e não de outro modo? “Não é (...) o poder, mas o sujeito que constitui o tema geral de minhas pesquisas.”<sup>1</sup>; “procurei estudar (...) a maneira como um ser humano se transforma em sujeito.”<sup>2</sup> (FOUCAULT, 2014). Ele está sempre tentando compreender o presente, através de uma análise histórica dos elementos que tornaram este presente possível do modo como é.

O próprio Foucault define o percurso de seu pensamento em três fases:

Primeiro, uma ontologia histórica de nós mesmos em nossas relações com a verdade, que nos permite constituir-nos como sujeito de conhecimento; em seguida, uma ontologia histórica de nós mesmos em nossas relações com um campo de poder, em que nós nos constituímos como sujeitos agindo sobre os outros; enfim, uma ontologia histórica de nossas relações com a moral, que nos permite constituir-nos como agentes éticos. (FOUCAULT, 2014, p.223)

Na primeira fase, a arqueológica, Foucault analisa o campo dos discursos para compreender as condições de possibilidade da emergência das ciências humanas, ou seja, de o homem se tornar objeto dos saberes, um sujeito de conhecimento. Para isso, desenvolve seu método arqueológico, que tem como ponto central a descrição das épistêmés, ou seja, a descrição do conjunto das relações discursivas cujas formações ocorrem em meio a um sistema de conflitos, distanciamentos aproximações entre si, que podem dialogar ou não com os discursos científicos, conquistam certa legitimidade, produzem certa materialidade, se constituem ou não como discurso científico dentro de determinado domínio e em um determinado tempo. Uma espécie de história dos modos de pensamento.

---

<sup>1</sup> FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder, In: Ditos e Escritos IX. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014c, p.119.

<sup>2</sup> Ibidem, p. 118.

A intenção de Foucault, não é criar um método de pesquisa para se encontrar a verdadeira história, nem apresentar uma história verdadeira do pensamento, mas sim, uma história entre as tantas outras possíveis; que revele, ao mesmo tempo, as condições de possibilidade que legitimam tais discursos em detrimento de outros e, a possibilidade de que estes se constituíssem de outros modos. A perspectiva histórica da arqueologia, não é linear, contínua, mas procura revelar as diversas descontinuidades e contradições que formam a história do pensamento, portanto, ela não está tentando entender a estrutura sequencial de elementos que levaram a outros mais bem elaborados, mas sim, compreender as descontinuidades e contradições, que permitiram a legitimação de certas práticas discursivas em detrimento de outras. Nesse sentido, o sujeito então, para Foucault, é produto dos discursos legitimados, das práticas discursivas, não pré-discursivo.<sup>3</sup>

Na fase genealógica, Foucault amplia seu campo de análise e introduz a noção de poder, para pensar essa produção do sujeito moderno além do campo limitado dos discursos. E, agora, analisa não apenas a produção dos saberes, mas também as práticas de poder e suas correlações produtoras de subjetividade. Para isso, desenvolve o método genealógico, que tem como ponto central a descrição dos dispositivos, ou seja, a descrição das relações complexas entre um conjunto de elementos distintos entre si, discursivos e não discursivos que, antes, pareciam desconectados e, que agora, podem ser compreendidos enquanto parte de um conjunto homogêneo, cujas correlações de forças, internas e externas, produzem efeitos materiais nos diversos domínios em que atuam; como a constituição do sujeito dócil e útil no domínio da disciplina - que ele descreve em *Vigiar e punir* - e o sujeito dotado de certa sexualidade confessa - que ele descreve no volume um da *História da Sexualidade* - .

Assim como a arqueologia, a genealogia de Foucault, não tenta encontrar um ponto de origem central por trás dos dispositivos, nem estabelecer um campo finito, acabado, completo, mas sim, realizar uma análise descritiva das relações de poder-saber, elucidar, em um recorte de espaço e tempo, o conjunto de conflitos e relações que os tornaram possíveis. Não há uma ruptura ou substituição entre um método e outro, mas sim, uma ampliação do próprio pensamento do filósofo. Há muito da arqueologia na genealogia e o contrário também é verdadeiro.

---

<sup>3</sup> FOUCAULT, Michel. Arqueologia do Saber (1969), Tradução de: Luiz Felipe Baeta Neves 2008, p.214.

Diferentemente da arqueologia, que possui uma obra inteira para descrevê-la como método de análise histórica, a genealogia não possui uma obra específica para sua descrição, e, sim, algumas prescrições e apontamentos presentes sobretudo em *Vigiar e punir* e na *História da sexualidade: a vontade de saber*. Nesse sentido, é difícil desenhar um método genealógico concreto - ainda que sem pretensão de verdade - a partir das obras de Foucault e, não é esta a pretensão deste trabalho, pretende-se mostrar apenas, que é possível, a partir das prescrições que Foucault deixa em suas obras e utilizando sua noção de poder como norteadora, realizar uma problematização do nosso presente, dentro de um campo determinado.

Na terceira fase, a da ética, Foucault, a partir do questionamento do porque tornamos a sexualidade uma experiência moral, passa da análise da constituição de sujeitos em sua ação sobre os outros, para a constituição dos sujeitos na ação sobre si mesmo, do governo dos outros para o governo de si. Para isso, faz um retorno à antiguidade grega como base instrumental para descrever a possibilidade do cuidado de si, que implica um conhecimento e uma construção do sujeito sobre ele próprio, como um sujeito ético.

Para os fins deste trabalho, nos concentraremos na fase genealógica do pensamento de Foucault.

Como já dito anteriormente o método genealógico se configura a partir da análise do poder, mais especificamente, das práticas de saber-poder. Em seu método de análise, Foucault procura se afastar de algumas perspectivas negativas do poder, que segundo ele, limitam o poder apenas ao poder do não, da repressão e da soberania e desse modo, consideram o poder como algo negativo, estático, verticalizado. A perspectiva que o filósofo procura adotar como norte de análise e essência do método genealógico é a do poder como algo positivo, produtivo que, em suas correlações de forças móveis e estáticas, produz saberes e, é produzido por eles.

Trata-se, em suma, de orientar, para uma concepção do poder que substitua o privilégio da lei pelo ponto de vista do objetivo, o privilégio da interdição pelo ponto de vista da eficácia tática, o privilégio da soberania pela análise de um campo múltiplo e móvel de correlações de força, onde se produzem efeitos globais, mas nunca totalmente estáveis, de dominação. O modelo estratégico, ao invés do modelo do direito. E isso, não por escolha especulativa ou preferência teórica; mas porque é efetivamente um dos traços fundamentais das sociedades ocidentais o fato de as correlações de força que, por muito tempo tinham encontrado sua principal forma de

expressão na guerra, em todas as formas de guerra, terem-se investido, pouco a pouco, na ordem do poder político. (FOUCAULT, 1988, p. 97)

Nesse sentido, para Foucault, o poder não é algo que se possui, se conquista ou se transfira, mas é algo que se exerce por meio de mecanismos, táticas, conduções. Não de forma verticalizada, mas de forma capilarizada em meio a diversas relações complexas e móveis. Ele é imanente à essas relações e, ao mesmo tempo em que produz efeitos, também é produzido como efeito. Essas relações possuem sempre objetivos, mas não são produto de uma figura subjetiva ou um grupo específico. Ele faz parte de todos os tipos de de relações: econômicas, de conhecimento, sexuais; não se encontra exterior a elas. Também as resistências, fazem parte do poder, não se encontram exteriores à ele, e, assim como ele, são móveis, desiguais, transitórias, atravessam todos os pontos de suas relações. (FOUCAULT, 1988, p. 88-91).

Essa perspectiva positiva do poder, permite que sua análise seja utilizada como uma chave de inteligibilidade do campo social, como descreve Foucault no seguinte trecho:

Parece-me que se deve compreender o poder, primeiro, como a multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais. A condição de possibilidade do poder, em todo caso, o ponto de vista que permite tornar seu exercício inteligível até em seus efeitos mais "periféricos" e, também, enseja empregar seus mecanismos como chave de inteligibilidade do campo social, não deve ser procurada na existência primeira de um ponto central, num foco único de soberania de onde partiriam formas derivadas e descendentes; é o suporte móvel das correlações de força que, devido a sua desigualdade, induzem continuamente estados de poder, mas sempre localizados e instáveis. (FOUCAULT, 1988, p. 88-89)

Este conjunto de correlações de forças irá se exercer dentro do que Foucault chama de dispositivos, que, como já foi citado anteriormente, na passagem da arqueologia para a genealogia, é o conceito que permite ao filósofo a ampliação de sua análise, pois permite o agrupamento, em um mesmo conjunto de relações de elementos discursivos e não discursivos,

atravessados por relações de poder-saber. Dito de outro modo, as engrenagens por trás desse jogo de relações entre tais elementos heterogêneos dentro do dispositivo são o poder e o saber: “O dispositivo, portanto, está sempre inscrito em um jogo de poder, estando sempre, no entanto, ligado a uma ou a configurações de saber que dele nascem mas que igualmente o condicionam.” (FOUCAULT, 1982, p. 246). E, o produto de todo esse aparato relacional produtivo, é: a subjetivação dos sujeitos.

No trecho abaixo, Foucault explica de forma mais clara do que se trata a noção de dispositivo e cita alguns exemplos desses elementos heterogêneos que podem ser relacionados dentro desses dispositivos.

(...) um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos. (...) entre estes elementos, discursivos ou não, existe um tipo de jogo, ou seja, mudanças de posição, modificações de funções, que também podem ser muito diferentes. (FOUCAULT, 1982 p. 244).

É a partir dessa perspectiva, que Foucault descreve, em *Vigiar e punir*, as complexas relações históricas que permearam o nascimento da prisão, e elucida nos meandros da “história oficial” – que o colocava como produto de uma simples humanização das penas - o dispositivo disciplinar. Do mesmo modo, é partindo dessa perspectiva que, no primeiro volume de *história da sexualidade*, o filósofo contrapõe-se à hipótese repressiva e, elucida, através de suas descrições históricas, o dispositivo de sexualidade.

Segundo Foucault (1982), o dispositivo possui sempre uma função estratégica e surge para responder à uma determinada urgência. Por exemplo: a inovação industrial que concentrou grandes multidões nas cidades, o que exigiu novas estratégias de controle, para além da violência, ou, a necessidade de afirmação da classe burguesa após a revolução, cuja necessidade de perpetuação saudável das castas era essencial para que se mantivesse o status social.

O dispositivo se constitui ainda, em dois momentos: “(...) Um primeiro momento é o da predominância de um objetivo estratégico. Em seguida, o dispositivo se constitui como tal (...)” (FOUCAULT, 1982, p. 246). Ele se mantém ativo, enquanto ainda possuir funcionalidade em determinada sociedade em um determinado tempo, pode se modificar de acordo com as

necessidades no decorrer do tempo tanto quanto for possível, ou, mesclar-se a outros dispositivos e funcionar em paralelo, ou ainda, ser substituído gradativamente por outro dispositivo.

No decorrer de suas produções: “(...) Foucault falará de dispositivos disciplinares, dispositivo carcerário, dispositivos de poder, dispositivos de saber, dispositivo de sexualidade, dispositivo de aliança, dispositivo de subjetividade, dispositivo de verdade, etc. (...)” (CASTRO, 2004, p. 124). Neste trabalho, iremos nos ater apenas ao dispositivo disciplinar, como demonstração do método genealógico em ação.

## 1.1 O dispositivo disciplinar descrito em *Vigiar e Punir*

Em *Vigiar e punir*, Foucault se propõe a demonstrar por meio de sua análise, que, o nascimento da prisão, não foi um acontecimento histórico que teve como origem única a humanização das penas – para ele, está é uma visão negligente e limitada –, mas sim, que este acontecimento histórico é apenas uma pequena parte do grande dispositivo disciplinar que, envolve inúmeros aparatos materiais e não materiais, discursivos e não discursivos que produzem sujeitos dóceis e úteis, tanto no corpo, quanto na alma. Dispositivo cuja atuação não se limita apenas ao campo jurídico penal, mas atua também na geração de diversas transformações nos âmbitos escolares, hospitalares, militares e industriais, entre os séculos XVII e XVIII, período que ele denomina como período clássico.

Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as “disciplinas”. Muitos processos disciplinares existiam há muito tempo: nos conventos, nos exércitos, nas oficinas também. Mas as disciplinas se tornaram no decorrer dos séculos XVII e XVIII fórmulas gerais de dominação. (FOUCAULT, 1987, p. 164)

O que surge, segundo Foucault, não é uma humanização das penas, mas uma nova mecânica do poder, uma anatomia política, uma força disciplinar sobre o corpo que, difere da escravidão, pois não há apropriação dos corpos e sim uma certa sutilidade sem que haja comprometimento da eficácia da dominação. Difere também, da domesticidade, pois não é uma relação que responde apenas à vontade singular de um patrão. Difere ainda, da vassalagem que tem menos foco no corpo e mais no produto do trabalho e na obediência ao vassalo. Difere enfim, do ascetismo, que possui maior foco na renúncia do que no aumento da utilidade dos corpos e objetiva mais um domínio de cada um sobre seu corpo, do que sobre o conjunto dos corpos individuais em prol de uma maior utilidade. (FOUCAULT, 1987 p. 164).

O que difere então o dispositivo disciplinar de todas essas outras formas de sujeição? Foucault apresenta, três aspectos importantes de diferenciação. Em primeiro lugar, a escala do controle: se trata de um trabalho não sobre o corpo em massa, mas sobre o corpo em detalhe, agindo coercitivamente sob as minúcias dos movimentos, dos gestos e atitudes, da agilidade. Em segundo lugar, o objeto do controle: a economia, a eficácia desses movimentos, sua organização interna no conjunto dos corpos individuais. Em terceiro, a modalidade: é uma coerção ininterrupta que se exerce mais sobre os processos do que sobre os resultados, orienta,

limita e delimita ao máximo o tempo, o espaço e os movimentos. “A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência).” (FOUCAULT, 1987, p. 164-165)

No trecho abaixo, é possível perceber o método genealógico aplicado dentro desse campo que Foucault denomina como “disciplina”. Aparece claramente sua perspectiva de que a história não se manifesta de forma linear nem progressiva, mas de forma descontínua, constituída por diversas rupturas e emergências de acontecimentos diversos e significativos que se relacionam de modo complexo. Aparece também, a visão positiva do poder e sua atuação por meio de táticas e mecanismos que envolvem certos tipos de saber, além da maneira como esse conjunto de correlações se configuram em um dispositivo para responder a uma determinada urgência. Aqui, o dispositivo disciplinar integra outros processos:

A “invenção” dessa nova anatomia política não deve ser entendida como uma descoberta súbita. Mas como uma multiplicidade de processos muitas vezes mínimos, de origens diferentes, de localizações esparsas, que se recordam, se repetem, ou se imitam, apoiam-se uns sobre os outros, distinguem-se segundo seu campo de aplicação, entram em convergência e esboçam aos poucos a fachada de um método geral. Encontramo-los em funcionamento nos colégios, muito cedo; mais tarde nas escolas primárias; investiram lentamente o espaço hospitalar; e em algumas dezenas de anos reestruturam a organização militar. Circularam às vezes muito rápido de um ponto a outro (entre o exército e as escolas técnicas ou os colégios e liceus), às vezes lentamente e de maneira mais discreta (militarização insidiosa das grandes oficinas). A cada vez, ou quase, impuseram-se para responder a exigências de conjuntura: aqui uma inovação industrial, lá a recrudescência de certas doenças epidêmicas, acolá a invenção do fuzil ou as vitórias da Prússia. O que não impede que se inscrevam, no total, nas transformações gerais e essenciais que necessariamente serão determinadas. (FOUCAULT, 1987, p. 165)

Foucault, detalha algumas particularidades dessas “exigências de conjuntura” citadas, porém, todo o aparato do dispositivo disciplinar gira, em última instância, em torno do objetivo estratégico de controlar, ordenar e utilizar as multiplicidades de indivíduos aglomerados nesse momento histórico da inovação industrial que levou grande parte das populações rurais para os centros urbanos, de modo a extrair deles, de forma sutil, o máximo de utilidade e, ao mesmo tempo, produzir um alto grau de docilidade. Nesse sentido, o autor realiza uma descrição do dispositivo disciplinar, elucidando uma série de táticas que vão sendo traçadas e constituindo-o gradativamente. Como citado anteriormente, o dispositivo sempre se configura em duas

etapas, a primeira agindo diretamente sobre um objetivo e, a segunda, configurando-se de fato como um dispositivo complexo.

Surge assim uma exigência nova a que a disciplina tem que atender: construir uma máquina cujo efeito será elevado ao máximo pela articulação combinada das peças elementares de que ela se compõe. A disciplina não é mais simplesmente uma arte de repartir os corpos, de extrair e acumular o tempo deles, mas de compor forças para obter um aparelho eficiente. (FOUCAULT, 1987, p.189)

A primeira tática que ele descreve é a do quadro. Ela permite o exercício de um poder sutil e detalhista que, à medida em que promove o controle das multiplicidades, atravessa minuciosamente o corpo dos indivíduos. Por outro lado, permite que se amplie a capacidade de análise sobre cada indivíduo, possibilita a produção de saberes cada vez mais específicos e que, ao mesmo tempo, servem como fonte de dados para uma estatística global do processo analisado, seja ele escolar, industrial, hospitalar, militar.

Essa tática se inicia primeiro com a delimitação dos grandes espaços de enclausuramento: os colégios internos, os quartéis, as grandes manufaturas e fábricas, dentre outros. E, à medida em que surgem novas demandas, ela agrega novos elementos táticos e se torna cada vez mais complexa.

A delimitação dos espaços é um elemento essencial dessa tática. “(...) cada indivíduo no seu lugar e em cada lugar um indivíduo.” (FOUCAULT, 1987, p. 170). Isso possibilita, não apenas gerar ordem, mas também vigiar e punir, pois permite a identificação das presenças e ausências, o controle da realização das devidas atividades, impede que haja comunicações ou movimentações inúteis à produção e possibilita a análise e medição das habilidades individuais. Essa distribuição espacial produz um saber sobre as individualidades e, as controla por meio dessa distribuição que permite uma visão ampla do todo e, ao mesmo tempo, de cada indivíduo. Surge assim um espaço analítico, disciplinar, útil, que produz corpos e indivíduos análogos. Um espaço celular, que não precisa ser necessariamente material.

De modo geral, essa tática permite um amplo controle e utilização dos corpos através da ordenação dos espaços. Como resume Foucault:

As disciplinas, organizando as “celas”, os “lugares” e as “fileiras” criam espaços complexos: ao mesmo tempo arquiteturais, funcionais e hierárquicos. São espaços que realizam a fixação e permitem a circulação; recortam segmentos individuais e

estabelecem ligações operatórias; marcam lugares e indicam valores; garantem a obediência dos indivíduos, mas também uma melhor economia do tempo e dos gestos. São espaços mistos: reais pois que regem a disposição de edifícios, de salas, de móveis, mas ideais, pois projetam-se sobre essa organização caracterizações, estimativas, hierarquias. A primeira das grandes operações da disciplina é então a constituição de “quadros vivos” que transformam as multidões confusas, inúteis ou perigosas em multiplicidades organizadas. (...) O quadro, no século XVIII, é ao mesmo tempo uma técnica de poder e um processo de saber. Trata-se de organizar o múltiplo, de se obter um instrumento para percorrê-lo e dominá-lo; trata-se de lhe impor uma “ordem”. (FOUCAULT, 1987, p.174).

Além desse quadriculamento dos espaços, o dispositivo disciplinar também realiza um quadriculamento do tempo e das forças corporais, para obter um máximo aproveitamento tanto dos corpos quanto do tempo em que são utilizados.

A primeira característica desse processo são as prescrições exatas de divisão do tempo que listam as atividades específicas a serem realizadas em cada intervalo de tempo. O controle de horários herdado das comunidades monásticas é aprimorado e passa ao extremo detalhamento das ordenações tanto do tempo quanto dos movimentos. Uma segunda característica, é a decomposição dos movimentos de acordo com as determinações temporais. Estabelece-se um ritmo individual e coletivo obrigatório, uma espécie de esquema anátomo-cronológico do comportamento. Uma terceira característica é a imposição da “(...) melhor relação entre um gesto e a atitude global do corpo, que é sua condição de eficácia e de rapidez. No bom emprego do corpo, que permite um bom emprego do tempo, nada deve ficar ocioso ou inútil (...)” (FOUCAULT, 1987, p. 178). Uma quarta característica, é a de que a disciplina não estabelece apenas uma relação da divisão do tempo com a movimentação do corpo, mas também, uma relação do corpo com o objeto a ser utilizado. “Constitui um complexo corpo-arma, corpo-instrumento, corpo-máquina.” (FOUCAULT, 1987, p.179). Como é o caso da utilização das armas nos exércitos e da máquinas nas fábricas, por exemplo.

Além desse quadriculamento do espaço, do tempo, e o controle dos movimentos corporais, das forças úteis dos indivíduos, o dispositivo também organiza não apenas o tempo ritual, cotidiano, das atividades diárias, mas também se encarrega de criar uma ordem progressiva de divisões temporais da vida dos indivíduos, de modo que se realize uma capitalização desse tempo da vida individual.

(...) Ora, é preciso lembrar que no mesmo momento as técnicas administrativas e econômicas de controle manifestavam um tempo social de tipo serial, orientado e cumulativo: descoberta de uma evolução em termos de “progresso”. As técnicas disciplinares, por sua vez, fazem emergir séries individuais: descoberta de uma evolução em termos de “gênese”. Progresso das sociedades, gênese dos indivíduos, essas duas grandes “descobertas” do século XVIII são talvez correlatas das novas técnicas de poder e, mais precisamente, de uma nova maneira de gerir o tempo e torná-lo útil, por recorte segmentar, por seriação, por síntese e totalização. Uma macro e uma microfísica do poder permitiram, não certamente a invenção da história (já há um bom tempo ela não precisava mais ser inventada), mas a integração de uma dimensão temporal, unitária, cumulativa no exercício dos controles e na prática das dominações. (FOUCAULT, 1987, p.186)

Essa individualidade - gênese, seria tanto objeto quanto efeito do dispositivo disciplinar e seu ponto central de formação é o exercício, ou seja, a tática na qual se impõem aos indivíduos determinadas tarefas que são alteradas no decorrer do tempo e da aquisição de novas habilidades, tornando-se mais complexas, moldando a relação dos indivíduos com o espaço, o tempo e seus corpos, produz uma percurso a ser traçado gradativamente rumo ao crescimento individual a medida em que contribui no aprimoramento coletivo.

O homem torna-se fragmento móvel de uma maquinaria multisegmentar. A necessidade de ajuste do tempo e dos movimentos dispostos no tempo, de modo a extrair de cada indivíduo o máximo de forças úteis, ao mesmo tempo que se sincroniza o conjunto dos indivíduos e obtém também o máximo resultado coletivo. Todo processo precisa ser decomposto e ordenado de modo que ao menor sinal se produza automaticamente as atitudes e movimentos esperados.

Como já foi dito anteriormente, todo esse mecanismo de poder, produz novos modos de subjetividades. Nesse sentido, Foucault resume no trecho abaixo, tanto as táticas quanto as subjetividades que surgem a partir delas:

Em resumo, pode-se dizer que a disciplina produz, a partir dos corpos que controla, quatro tipos de individualidade, ou antes uma individualidade dotada de quatro características: é celular (pelo jogo da repartição espacial), é orgânica (pela codificação das atividades), é genética (pela acumulação do tempo), é combinatória (pela composição das forças). E, para tanto, utiliza quatro grandes técnicas: constrói quadros; prescreve manobras; impõe exercícios; enfim, para realizar a combinação das forças, organiza “táticas”. A tática, arte de construir, com os corpos localizados,

atividades codificadas e as aptidões formadas, aparelhos em que o produto das diferentes forças se encontra majorado por sua combinação calculada é sem dúvida a forma mais elevada da prática disciplinar. Nesse saber, os teóricos do século XVIII viam o fundamento geral de toda a prática militar, desde o controle e o exercício dos corpos individuais, até à utilização das forças específicas às multiplicidades mais complexas. Arquitetura, anatomia, mecânica, economia do corpo disciplinar. (FOUCAULT, 1987, p. 192)

É em meio a essa série de transformações, em meio a esses novos modos de exercício do poder disciplinar, que também o poder judiciário é atravessado e nascem as prisões, como parte do dispositivo disciplinar e, não simplesmente como consequência de uma hipotética humanização das penas.

Diante de todas essas transformações materiais e imateriais produzidas pelo dispositivo disciplinar, podemos nos perguntar: Quais são os elementos que garantiram tal sucesso ao exercício desse poder disciplinar? Segundo Foucault: “(...) O sucesso do poder disciplinar se deve sem dúvida ao uso de instrumentos simples: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e sua combinação num procedimento que lhe é específico, o exame.” (FOUCAULT, 1987, p.195)

Esse olhar hierárquico, que controla e permite extrair maior proveito do tempo e força dos indivíduos, não é, segundo Foucault, uma invenção do século XVIII, porém, a integração do poder disciplinar à essa técnica, trouxe a ela uma potência de escalabilidade. Permanece a figura de uma autoridade vigilante no topo da pirâmide hierárquica, porém, ela é, agora, apenas parte de um complexo mecanismo no qual o poder se produz e se exerce em forma de rede, vigia não apenas de cima para baixo, mas por todos os lados e dentre todos os indivíduos. O poder disciplinar está em toda a parte e controla inclusive aqueles que tem a função de controlar e, ao mesmo tempo, se exerce de modo discreto, à medida em que perpassa as multiplicidades de modo relacional, calculado, sutil, não violento, nem excessivo. Aí está um dos segredos do grande sucesso do poder disciplinar.

O modo de punição no dispositivo disciplinar difere do modelo de punição judiciário, que é mais negativo que positivo, ou seja, vai além do contraste entre proibido e permitido e, não possui apenas uma pretensão de castigar, mas de produzir utilidade, de transformar os indivíduos constantemente. É um modo de punição baseado na normalização:

Em suma, a arte de punir, no regime do poder disciplinar, não visa nem a expiação, nem mesmo exatamente a repressão. Põe em funcionamento cinco operações bem distintas: relacionar os atos, os desempenhos, os comportamentos singulares a um conjunto, que é ao mesmo tempo campo de comparação, espaço de diferenciação e princípio de uma regra a seguir. Diferenciar os indivíduos em relação uns aos outros e em função dessa regra de conjunto — que se deve fazer funcionar como base mínima, como média a respeitar ou como o ótimo de que se deve chegar perto. Medir em termos quantitativos e hierarquizar em termos de valor as capacidades, o nível, a “natureza” dos indivíduos. Fazer funcionar, através dessa medida “valorizadora”, a coação de uma conformidade a realizar. Enfim traçar o limite que definirá a diferença em relação a todas as diferenças, a fronteira externa do anormal (a “classe vergonhosa” da Escola Militar). A penalidade perpétua que atravessa todos os pontos e controla todos os instantes das instituições disciplinares compara, diferencia, hierarquiza, homogeneiza, exclui. Em uma palavra, ela *normaliza*. (FOUCAULT, 1987, p. 207)

O exame é a síntese entre a vigilância hierárquica e a sanção normalizadora e outro elemento essencial desse dispositivo disciplinar. É ele o elemento tático principal que permite não apenas o controle, mas também a normalização, a classificação e a própria formação dos indivíduos enquanto sujeitos, ao mesmo tempo em que torna o poder sobre estes, cada vez mais sutil e invisível. Mascara o poder e escancara os indivíduos.

Finalmente, o exame está no centro dos processos que constituem o indivíduo como efeito e objeto de poder, como efeito e objeto de saber. É ele que, combinando vigilância hierárquica e sanção normalizadora, realiza as grandes funções disciplinares de repartição e classificação, de extração máxima das forças e do tempo, de acumulação genética contínua, de composição ótima das aptidões. Portanto, de fabricação da individualidade celular, orgânica, genética e combinatória. Com ele se ritualizam aquelas disciplinas que se pode caracterizar com uma palavra dizendo que são uma modalidade de poder para o qual a diferença individual é pertinente. (FOUCAULT, 1987, p. 216)

Nesse sentido, o caráter descritivo e documental que o exame assume em todos os âmbitos, que permite tanto uma descrição, uma avaliação, uma normalização da vida e evolução dos indivíduos, quanto - por meio de um sistema comparativo - compreender, medir, descrever, avaliar e normalizar o conjunto desses indivíduos; permitiu também, “(..) a liberação epistemológica das ciências do indivíduo. (...)” (FOUCAULT, 1987, p. 215).

O dispositivo disciplinar, ou, as disciplinas, como também chama Foucault, marcam “(...) o que se poderia chamar a troca do eixo político da individualização. (FOUCAULT, 1987, p. 217).” Ou seja, uma inversão das lógicas de individualização ascendentes como o feudalismo, por exemplo, no qual a individualidade era marcada na medida do poder ou dos privilégios que se possuía, ou da casta a que se pertencia. No dispositivo disciplinar, a individualização é descendente, à medida que o poder se torna mais sutil e estratégico, adquire também, mais força de individualização sobre aqueles que se exerce. Nesse sentido, a criança, o doente, o louco ou delinquente são maiores alvos dos processos de individualização do que os adultos são, normais e não delinquentes. Do mesmo modo, quando se pretende individualizar o adulto são, se faz “(...) sempre perguntando-lhe o que ainda há nele de criança, que loucura secreta o habita, que crime fundamental ele quis cometer.” (FOUCAULT, 1987, p. 217). Diante disso, Foucault afirma que “(...) Todas as ciências, análises ou práticas com radical ‘psico’, têm seu lugar nessa troca histórica dos processos de individualização. O momento em que passamos de mecanismos histórico-rituais de formação da individualidade a mecanismos científico-disciplinares (...)” (FOUCAULT, 1987, p. 217).

Por fim, o indivíduo “(...) é sem dúvida o átomo fictício de uma representação ‘ideológica’ da sociedade; mas é também uma realidade fabricada por essa tecnologia específica de poder que se chama a ‘disciplina’ (...)” (FOUCAULT, 1987, p. 218). É a análise histórica por meio de um poder que é positivo – no sentido de que ele produz coisas materiais e imateriais – que permite enxergar, ao contrário da perspectiva histórica que considera apenas a dimensão negativa do poder, toda essa série de mecanismos e táticas que constituem o dispositivo disciplinar.

Com a descrição dos elementos essenciais desse dispositivo, é possível perceber o método genealógico como plano de fundo da análise de Foucault e como a noção de poder norteia todo esse processo analítico. Nesse sentido tentarei propor agora, uma análise do fenômeno da hiperconectividade como algo característico de nosso presente. Para isso, tentarei utilizar esse percurso analítico de Foucault, como plano de fundo norteador da análise e realizar algumas analogias da atualidade com o dispositivo disciplinar.

## 2. Uma análise da atualidade a partir do método genealógico de Foucault

A partir do que já foi exposto até aqui sobre o método genealógico, sobre os conceitos de poder e dispositivo em Foucault e, com o auxílio de conceitos como o de “modulação” e “sociedade do controle” de Deleuze e das reflexões de pesquisadores de outras áreas; pretende-se realizar uma análise da atualidade em relação à hiperconectividade<sup>4</sup>. Nesse sentido, pretende-se elucidar as correlações que permitiram a passagem de um poder disciplinar sobre o corpo, para um poder “modular” e, a configuração de um novo dispositivo, funcionando ainda simultaneamente ao dispositivo disciplinar, chamaremos esse dispositivo, por influência de Deleuze, de: dispositivo de controle.

“(…) Foucault é com frequência considerado como o pensador das sociedades de disciplina, e de sua técnica principal, o *confinamento* (não só o hospital e a prisão, mas a escola, a fábrica, a caserna). Porém, de fato, ele é um dos primeiros a dizer que as sociedades disciplinares são aquilo que estamos deixando para trás, o que já não somos. Estamos entrando nas sociedades de controle, que funcionam não mais por confinamento, mas por controle contínuo e comunicação instantânea. (...)”.

(DELEUZE, 1992, p. 215-216)

Pode-se dizer nesse sentido, que assim como um novo dispositivo parece se configurar, também o modo de atuação do poder parece ter se transformado, não em sua essência produtiva e capilarizada como descreve Foucault, mas em suas táticas, em suas estratégias, em seus modos de atuação sobre os sujeitos, um poder que continua produzindo e sendo produzido, porém de outros modos. Enquanto o poder disciplinar funcionava por meio da formação de moldes em espaços de confinamento, o poder modular funciona por meio da constante transformação de seus moldes. Como descreve Deleuze: “Os confinamentos são *moldes*, distintas moldagens, mas os controles são uma *modulação*, como uma moldagem auto-deformante que mudasse continuamente a cada instante, ou como uma peneira cujas malhas mudassem de um ponto a outro.” (DELEUZE, 1992, p. 221). A modulação é a maneira pela qual o poder se exerce no que Deleuze chama de sociedade de controle. Diferentemente do poder disciplinar, o poder modular se exerce de modo ainda mais sutil, muito mais flexível, fluído, suas táticas se modificam-se a cada instante. Não se limita à atuação sobre os corpos apenas em locais de confinamento, como a fábrica, a escola, a prisão, a casa familiar; mas através da tecnologia, sobretudo celulares e computadores, relógios inteligentes, dentre outros; penetra por todos os

---

<sup>4</sup> Conexão constante dos indivíduos à aparelhos tecnológicos e à internet.

espaços, acompanha os indivíduos quase que ininterruptamente. Não se concentra mais na individualização para o controle das massas, mas codifica os indivíduos em amostras características.

Nas sociedades de controle, ao contrário, o essencial não é mais uma assinatura e nem um número, mas uma cifra: a cifra é uma senha, ao passo que as sociedades disciplinares são reguladas por palavras de ordem (tanto do ponto de vista da integração quanto da resistência). A linguagem numérica do controle é feita de cifras, que marcam o acesso à informação, ou a rejeição. Não se está mais diante do par massa-indivíduo. Os indivíduos tornaram-se “dividuais”, divisíveis, e as massas tornaram-se amostras, dados, mercados ou “bancos”. (DELEUZE, 1992, p. 222)

Nesse sentido, o poder modular não tenta agir para normalizar, mas exalta e legitima as diferenças a medida em que limita - por meio da tecnologia dos algoritmos, por exemplo - o “mundo” dos indivíduos, e gera desse modo, uma falsa sensação de liberdade ilimitada, que na verdade só se exerce dentro de um “mundo” limitado. Essas características ficarão mais claras adiante.

A pergunta principal que norteará tal análise, poderia ser colocada nos seguintes termos: quais foram as condições de possibilidade do sujeito hiperconectado, controlado em todos os espaços materiais através de um “cyberespaço”<sup>5</sup>, não apenas em seu corpo, mas também em sua mente?

Nesse sentido, pretende-se demonstrar que, por trás de uma série de avanços tecnológicos que se introduziram e se introduzem de modo naturalizado nos meandros do cotidiano de nossa sociedade, apresentando-se como ferramentas facilitadoras - automatizando tarefas, por exemplo - , como fonte de entretenimento, de espaço para discurso, diálogo e troca entre indivíduos – nas redes sociais online - ; há uma série de correlações de saber e poder que produzem uma certa ilusão de liberdade e autonomia e, permitem a vigilância e o controle - inclusive das emoções dos indivíduos - à medida em que os transforma cada vez mais em sujeitos hiperconectados que, ao mesmo tempo, produzem esse cyberespaço e são produzidos por ele:

---

<sup>5</sup> Espaço das comunicações por redes de computação.

(...) A cada tipo de sociedade, evidentemente, pode-se fazer corresponder um tipo de máquina: as máquinas simples ou dinâmicas para as sociedades de soberania, as máquinas energéticas para as de disciplina, as cibernéticas e os computadores para as sociedades de controle. Mas as máquinas não explicam nada, é preciso analisar os agenciamentos coletivos dos quais eles são apenas uma parte. (...) (Deleuze, 1992, p. 216)

Nesse sentido, tentaremos em um primeiro momento compreender o que tornou possível essa hiperconectividade e como ela pôde se enraizar em nosso cotidiano, através do avanço tecnológico, do aproveitamento que essas tecnologias fizeram, de características intrínsecas da convivência em sociedade, da democratização do acesso às redes e do avanço da psicometria.<sup>6</sup>

## 2.1 O surgimento e desenvolvimento da ideia de Inteligência Artificial

A ideia de uma “Inteligência artificial” (IA), pode ser considerada a precursora das tecnologias que experimentamos hoje, sobretudo da existência dos algoritmos. Segundo Oliveira (2018, p.73), em 1943 o psiquiatra Warren S. McCulloch e o cientista cognitivo Walter Pitts escreveram o artigo: “*A logical calculus of the ideas imanente in nervous activity*”<sup>7</sup> (MCCULLOCH e PITTS, 1943), que propôs uma analogia entre as células nervosas e os processos eletrônicos. Em 1950, Alan Turing, matemático inglês considerado um dos pais da Ciência da Computação e da Inteligência Artificial, publicou o artigo “*Computing Machinery and Interligence*”<sup>8</sup> (TURING, 1950), no qual propôs a questão da possibilidade das máquinas pensarem. Em 1956 o cientista da computação John McCarthy, apresentou o termo Inteligência artificial (IA) pela primeira vez e, há décadas pesquisas sobre esse tema vêm sendo desenvolvidas.

Ainda segundo Oliveira (2018, p.74-75), houve três marcos importantes na evolução da IA, o primeiro, surgiu no final da década de 50 com programas de busca baseados em regras

---

<sup>6</sup> A definição e a ligação da psicometria com o tema, serão melhor explicados posteriormente.

<sup>7</sup> “Um cálculo lógico das ideias imanentes na atividade nervosa” (tradução livre).

<sup>8</sup> “Maquinário de Computação e Interligência” (tradução livre).

fixas. O segundo, ocorreu na década de 80 com o surgimento do movimento denominado Representação do Conhecimento, no qual, foram desenvolvidos vários métodos de Representação do Conhecimento, para projetar conhecimentos em máquinas. Posteriormente, surgiu um novo método, denominado *Machine Learning*<sup>9</sup>, que tornou real a possibilidade de se atingir a IA. Esse método permitiu que as máquinas criassem novos conhecimentos a partir da captação de dados, criando novos bancos de dados de modo automatizado, a partir do reconhecimento de padrões utilizando um modelo estatístico probabilístico, sem a necessidade de uma base de conhecimento fornecida anteriormente por um humano.

Esse novo método permitiu às máquinas, o processamento de dados e o fornecimento de respostas tão precisas, que os humanos não seriam capazes de fazer. A ideia desse método é bem mais antiga, porém não se podia provar sua utilidade devido à falta de tecnologia para suportar o processamento de um grande volume de dados e até de dados suficientes. O terceiro marco na evolução da IA, surgiu exatamente pela resolução desse impasse: o avanço da tecnologia que permitiu tanto um aumento da capacidade de processamento dos computadores, quanto da coleta de dados. Essa combinação, possibilitou o aperfeiçoamento contínuo dos algoritmos.

Essa expansão da IA e o aumento da capacidade de armazenamento e processamento de dados, atrelada à popularização da internet com a ampliação das redes wi-fi e queda de preços nos smartphones, criaram o ambiente propício para que se desenvolvessem as plataformas digitais, sobretudo, as de relacionamento, denominadas: redes sociais online.

## **2.2 A criação e viralização das redes sociais**

Segundo Mian (2018, p.128), o sucesso da popularização dessas redes sociais online, pode ser atrelado ao fato de que elas souberam aproveitar de forma bastante eficaz, uma espécie de princípio universal da sociedade: a reciprocidade: “ou seja, muito antes da chegada da internet, a troca de saberes, de sentimentos, de cultura e de matéria entre os indivíduos já era reconhecida como algo inerente à construção social.” (MIAN, 2018, p. 128). Surge assim, o LinkedIn em 2003, o Orkut em janeiro de 2004 e o Facebook em fevereiro do mesmo ano, o Youtube em 2005 e o Twitter em 2006.

---

<sup>9</sup> “Aprendizado de máquina”(tradução livre)

Sérgio Amadeu da Silveira, um sociólogo brasileiro que estuda essa questão das redes e seus impactos em nossa sociedade, também nos apresenta esse ponto e, nos alerta sobre um outro ponto importante a partir daqui: a capitalização desses novos modos de interação social.

O sucesso da cultura do compartilhamento foi reconhecido pelo mercado que buscou operar a capitalização desse modelo. A audiência dos sites produtores de conteúdo foi superada pelas plataformas de interação em que os usuários produziam as matérias e os objetos. O surgimento e o espraiamento dos blogs já haviam demonstrado que a colaboração e a produção distribuída de conteúdos eram práticas envolventes e atraentes de milhares de pessoas. (SILVEIRA, 2018, p. 32)

A partir do êxito dessas plataformas em se enraizarem nos meandros da sociedade, os modos de capitalizá-las também se proliferaram e serviram de inspiração para “modelos de negócios baseados na intermediação entre ofertantes e demandantes de serviços e mercadorias (SILVEIRA, 2018, p. 32). É o caso por exemplo, do surgimento do Airbnb em 2008, da Uber em 2009 e da GetNinjas em 2011, esta última, ampliou mais ainda essa idéia e, se tornou um intermediador não apenas de um tipo de produto ou serviço – como hospedagem no airbnb e transporte na uber – mas um intermediador que possibilita o cadastramento dos mais variados ofertantes – desde profissionais de manutenção, à profissionais da saúde e vendedores de produtos – e a possibilidade de qualquer pessoa buscar por qualquer um desses serviços ou produtos ao alcance de um clique, contando com a avaliação desses profissionais por outros usuários da plataforma, assim como as informações detalhadas dessas ofertas e seus ofertantes, para auxílio no momento da escolha.

### **2.3 A configuração de um novo dispositivo e suas técnicas de controle**

Como citado no primeiro capítulo, um dispositivo surge sempre como resposta à uma urgência e em um segundo momento se configura de forma mais concreta em suas diversas correlações de forças. O dispositivo disciplinar, surgiu para responder à urgência do desenvolvimento industrial que levou grande parte da população rural para as áreas urbanas, se configurou a medida em que enraizou-se na sociedade organizando os presídios, hospitais, escolas e instituições militares e, produziu sujeitos úteis e dóceis ao modelo de capitalismo que

se instaurava. Essa relação não surgiu de uma ponta sobre a outra, mas a partir das diversas correlações de forças que permitiram tanto que as táticas de disciplina fossem se modificando através da ação dos sujeitos, quanto que os sujeitos fossem sendo modificados pela ação dessas táticas.

O contexto histórico apresentado até aqui, parece se configurar em um novo modo de urgência e, traz o vislumbre de um novo dispositivo se constituindo para responder à essa urgência. A migração agora, é de grande parte da população do mundo físico para o virtual, devido ao avanço tecnológico e surgimento das redes sociais online. Se antes, era preciso controlar o corpo, agora, é a mente dos indivíduos o alvo a ser controlado para o tornar um sujeito dócil e útil de outros modos, um sujeito hiperconectado a essa dimensão imaterial que ao mesmo tempo age produzindo materialidades. “Se as disciplinas moldavam os corpos ao constituir hábitos, principalmente na memória corporal, as sociedades de controle modulam os cérebros, constituindo hábitos sobretudo na memória mental” (LAZZARATO, 2006, p. 86).

Diferente da *agenda-setting*<sup>10</sup>, as plataformas digitais, sobre tudo as redes sociais online, permitiram de certo modo uma descentralização do poder de manipulação dos discursos. Isso gera uma certa ilusão de liberdade em relação a produção e consumo de discursos distintos entre si e, a falsa sensação de que essas plataformas não conseguem interferir na formação de opinião e no direcionamento de comportamentos em seus usuários. O que ocorre de fato, é muito mais complexo.

As plataformas se alimentam de dados pessoais que são tratados e vendidos em amostras com a finalidade de interferir, organizar o consumo e as práticas dos seus clientes. Em geral, os conteúdos desses espaços virtuais são produzidos ou desenvolvidos pelos seus próprios usuários que, ao mesmo tempo, entregam seus dados pessoais e seus metadados de navegação para os donos desses serviços. (...) Aqui, podemos realçar que a grande concentração das atenções e do dinheiro dos demais segmentos da economia nas plataformas se dá porque elas conseguem modular as percepções e os comportamentos em escala inimaginável até a sua existência. (SILVEIRA, 2018, p. 35)

---

<sup>10</sup> Modelo unidirecional, no qual as notícias vinculadas na imprensa ou na mídia televisiva, conduzem o público a pensar e falar sobre determinado assunto em um determinado momento.

Nesse sentido, os algoritmos são um elemento essencial desse novo dispositivo, que poderíamos, por influência de Deleuze, chamar de dispositivo de controle<sup>11</sup>, no qual atua poder modular<sup>12</sup>. Os algoritmos, são o elemento que permitiu que a tática do quadro - explicada no capítulo anterior - presente no dispositivo disciplinar, fosse apropriada por esses espaços virtuais, produzindo, por meio da vigilância, saberes sobre as mentes ao mesmo tempo em que as categorizam, as conduzem e as controlam. Assim como a reciprocidade, intrínseca às relações sociais, foi incorporada na ideia e produção das redes sociais online, a psicometria<sup>13</sup> foi incorporada à ideia de utilidade dos algoritmos na análise e criação de perfis, o que os permitiu tamanha eficácia na leitura, previsão e condução de padrões psicológicos.

A psicometria é uma área da psicologia que utiliza métricas para estabelecer padrões e tendências psicológicas, amplamente popularizada com a utilização de testes de personalidade. Esses tipos de testes baseados em métricas, serviram como base para a criação de diversos algoritmos com o objetivo de traçar perfis psicológicos e influenciá-los. Um exemplo da utilização desse saber para a produção de estratégias de poder, foi o caso polêmico da parceria entre o Dr. Kogan (professor de psicologia e especialista em psicometria de mídias sociais, na Universidade de Cambridge), e a empresa Cambridge Analytica, que, através do aplicativo “This is your Digital Life” coletaram dados em troca de um pagamento para os usuários que baixassem o aplicativo e concedessem suas informações do Facebook em troca do resultado do teste. Os usuários foram informados que as informações seriam utilizadas para fins acadêmicos e não foram informados de que o aplicativo também coletava dados de toda a rede de amigos desses voluntários. 270.000 usuários ofereceram seus dados, mas foram criados mais de 50 milhões de perfis psicológicos, destes 30 milhões serviram de base na criação de um algoritmo para prever e influenciar os eleitores nas eleições de 2016 nos EUA. (OLIVEIRA, 2018, p. 98-99)

Com a possibilidade de proliferação dos algoritmos, surgiram também diversas patentes, cujas empresas utilizam tanto para bloquear inovações da concorrência, quanto para reivindicar autoria sobre determinada patente, cobrando pela utilização destas. Uma patente bastante

---

<sup>11</sup> Fazendo alusão ao termo “sociedade de controle” em Deleuze, já citado anteriormente.

<sup>12</sup> Fazendo alusão ao termo “modulação” em Deleuze.

<sup>13</sup> Área da psicologia que utiliza métricas para estabelecer padrões e tendências psicológicas. Bastante popularizada com a utilização de testes de personalidade.

interessante da Samsung nos permite perceber o quão específicos e poderosos são esses mecanismos, o quanto eles se infiltram em nosso dia a dia e “lêem” nossas mente, na medida em que criam bancos de dados gigantescos para serem comercializados e utilizados para prever nossas ações e conduzi-las de acordo com o objetivo dos compradores desses dados.

Trata-se da patente *Apparatus and method for determining user's mental state*<sup>14</sup>, que descreve sensores nos aparelhos capazes de determinar o estado mental dos usuários, categorizando-os em emoções, – que podem ser subclassificadas em felicidade, prazer tristeza, medo, dentre outros – sentimentos – que podem ser subclassificados em bom, normal, deprimente, dentre outros - e estresse – que pode ser subclassificado em alto e baixo. O texto da patente também explica como é realizado esse processo:

(...) quando a velocidade de digitação usando um teclado é de 23 caracteres por minuto, a frequência de uso de um sinal especial é cinco vezes, o número de tremores de um dispositivo é 10, uma iluminância média é de 150 Lux, e um valor numérico de uma localização específica (por exemplo, estrada) é 3, um estado de emoção classificado aplicando os dados do recurso ao modelo de inferência é “susto”, com um nível de confiança de 74%. (US9928462B2).<sup>15</sup>

Segundo Silveira (2018, p. 41), existem mais de cinco mil patentes similares a essa, apresentada acima, registradas ou aguardando registro final nos principais escritórios de patentes. Dentre essas, o autor apresenta outras cinco, as quais, simplesmente por sua denominação já é possível perceber suas finalidades de existência:

---

<sup>14</sup> Aparelho e método para determinar o estado mental do usuário. (tradução livre)

<sup>15</sup> Tradução livre do trecho original: “ (...) when typing speed using a keyboard is 23 characters per minute, the frequency of use of the backspace key is three times while writing a message, the frequency of use a special sing is five times, the number of shakings of a device is 10, na average illuminance is 150 Lux, and a numerical value os a specific location (foi example, road) is 3, na emotion state classified by applying the fature data to te infernce model is “fright”, with a confidence level of 74%”.

“US-2010088607-A1 – Sistema e método para manter o usuário sensível ao contexto (Yahoo);

US-2012272338-A1 – Gerenciamento unificado de dados de rastreamento (Apple);

US-2012226748-A1 – Identifique Especialistas e Influenciadores em um Rede Social (Facebook);

US2018019226-3A1 – Prever o estado futuro de um usuário de dispositivo móvel (Facebook);

US20080033826-A1 – Fornecimento de anúncios baseados no humor e na personalidade (Pudding Ltd)”<sup>16</sup> (SILVEIRA, 2018, p. 42)

Pensando especificamente sobre as redes sociais online e partindo de todo esse contexto, podemos descrever alguns mecanismos e táticas de saber e poder em suas correlações de forças, que fazem parte desse dispositivo de controle:

Primeiramente, partindo da noção de poder em Foucault, podemos compreender o mecanismo de funcionamento das redes sociais em sua diversidade de facetas. Nessas redes, cada usuário possui o poder de gerar e compartilhar conteúdos e de executar ações diante dos conteúdos gerados por outros usuários, o que permite, por exemplo, que usuários anônimos se tornem influenciadores digitais e capitalizem seus perfis influenciando seus seguidores a consumirem determinado produto ou utilizarem determinada marca ou serviço. Porém, ao mesmo tempo, esses usuários têm sua produção e suas ações, limitadas ao modelo de design e formato de mídia da rede e, sua *timeline* restringida a certos tipos de postagens que os algoritmos - baseados na coleta de dados e nos rastros digitais de seus usuários - previram que seria relevante ou condizente com o gosto e personalidade de seu usuário. Ou seja, o usuário enxerga apenas um mundo limitado, uma bolha virtual que reflete na limitação da visão do mundo real. Só isso, por si só, já demonstra que as plataformas também exercem certo poder sobre seus usuários.

Por outro lado, há ainda a utilização paga – e esse é um modo extremamente eficaz de capitalização dessas redes - que as agências de Marketing – ou até outros usuários, anônimos ou famosos, através de uma marca ou não - fazem desses dados coletados, que as permite

---

<sup>16</sup> Os nomes originais dessas patentes em inglês, estão nas referências.

encaminhar determinados conteúdos específicos para os públicos específicos em momentos específicos, através do *microtargeting*<sup>17</sup>. Isso demonstra que a “gratuidade” da utilização das redes sociais, esconde um modelo de negócio altamente lucrativo no qual a atenção, a mente dos usuários, são o produto negociado.

Outro ponto importante a ser destacado, é o fato dessas plataformas utilizarem os próprios algoritmos para traçar táticas que prendam cada vez mais a atenção dos usuários e os façam passar mais tempo navegando, aumentando desse modo, também a exposição desses usuários aos anúncios ou discursos direcionados ao seu perfil psicológico.

Essas táticas e outras tantas, aparecem de modo intencionalmente velado aos usuários, como instrumentos que facilitam as tarefas cotidianas, ou que servem de entretenimento, de fonte de informação, ou meramente um espaço de interação social. São essas máscaras que permitem a aceitabilidade do enraizamento dessas táticas no dia a dia dos indivíduos e da sociedade como um todo. É esse mascaramento que faz com que os usuários não percebam ou não se incomodem com as restrições e abusos de privacidade e se tornem cada vez mais hiperconectados. Além disso, permite que o ambiente das redes seja atraente e continue sendo buscado e utilizado pelos usuários, ao mesmo tempo em que esses usuários são buscados e utilizados pelas plataformas.

A partir dessas reflexões, pode-se perceber que, assim como no dispositivo disciplinar, a técnica do quadro e o exame, são elementos centrais deste novo dispositivo, porém, atuam na prática, de modos distintos de acordo com o contexto atual, por meios mais virtuais que materiais. O *microtargeting* é um bom exemplo desses dois elementos em ação conjunta, multidirecionada e, ao mesmo tempo, segmentalizada. Essa técnica permite um aprisionamento dos sujeitos em um mundo limitado, ao mesmo tempo em que cria uma falsa sensação de liberdade, que só ocorre de fato dentro desses limites de pensamento e de conduta. Isso fere a autonomia dos sujeitos, mantendo-os produtivos e minando sua capacidade de construção de si mesmos e de suas visões do mundo para além da bolha em que se encontram inseridos.

---

<sup>17</sup> Técnica de marketing que se utiliza dos algoritmos para individualizar ao máximo seus consumidores de acordo com características selecionadas para um determinado objetivo, agrupando-os em “públicos alvo”, o que permite um direcionamento e uma comunicação mais diretos e precisos em seus anúncios.

### **Considerações finais**

Pode-se concluir a partir do exposto neste trabalho, que a genealogia de Foucault pode ser considerada um instrumental poderoso para a realização de uma análise de nossa sociedade atual. Não é possível, nesse formato de trabalho, e nem foi a intenção do mesmo, esgotar nem o método genealógico de Foucault, muito menos realizar uma análise aprofundada e completa da nossa atualidade. A real pretensão, foi apenas apresentar os fundamentos principais apontados por Foucault e, pertinentes à análise que seria proposta, assim como a realização de uma análise ainda que inicial e superficial da nossa sociedade atual quanto a utilização das redes digitais, fazendo um recorte de alguns pontos importantes para tal análise, como: a evolução das IA, a proliferação dos algoritmos, popularização das redes sociais online e a capitalização desses cyberespaços por meio da captação e processamento de dados.

Cabe ressaltar aqui, que a noção de poder descentralizada é um instrumento importante para o entendimento do funcionamento das redes sociais online, assim como as táticas de quadriculamento e de exame, apresentadas por Foucault na descrição do dispositivo disciplinar, nos aponta um caminho para a compreensão das atuais táticas de poder-saber que permeiam o cyberespaço e produzem efeitos materiais e subjetividades cada vez mais hiperconectadas.

Pode-se pensar, para além do exposto aqui, inúmeros outros desdobramentos que envolvem essa questão, sobretudo, a necessidade de reforçar os pontos de conscientização em relação a entrega voluntária de dados e os modos de utilização dos mesmos, que funcionam como pontos de resistência dentro desse mecanismo.

## REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**; tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. Título original em francês: L'archéologie du Savoir

FOUCAULT, Michel. **Sobre a Genealogia da Ética: um Resumo do Trabalho em Curso**. In: Ditos & Escritos IX. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014c, p.223.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. 3ª.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987. Título original em francês: Surveiller et punir.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. Título original em francês: Histoire de la sexualité I: la volonté de savoir

FOUCAULT, Michel. **O governo de si e dos outros: curso no Cullege de France (1982-1983)**; tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. Título original em francês: Te gouvernement de soi et des autres.

DELEUZE, Guilles. **Controle e devir**. In: Conversações, tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Guilles. **Post-scriptum: Sobre as sociedades de controle**. In: Conversações, tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.

LAZZARATO, M. **As revoluções do capitalismo**. São Paulo: Editora: Record, 2006.

CASSINO, SILVEIRA, MACHADO, OLIVEIRA, MONTEIRO, MIAN. **A sociedade de controle: manipulação e modulação nas redes digitais**; Organização de Joyce Souza, Rodolfo Avelino e Sérgio Amadeu da Silveira. 1ª Ed. São Paulo: Editora Hedra LTDA, 2018.

CASTRO, Edgardo. **Introdução a Foucault**. Tradução: Beatriz de Almeida Magalhães. 1ª ed.; 1. reimp. Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2015. Título original em espanhol: *Introducción a Foucault*.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault: Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**; tradução de Ingrid Müller Xavier; revisão técnica: Alfredo Veiga-Neto e Walter Omar Kohan. Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2009. Título original em espanhol: *El vocabulario de Michel Foucault : un recorrido alfabético por sus temas, conceptos y autores*

#### **PATENTES CITADAS**

US9928462B2 – Apparatus and method for determining user's mental state.

US-2010088607-A1 – System and method for maintaining context sensitive user

US-2012272338-A1 – Unified tracking data management

US-2012226748-A1 – Identify Experts and Influencers in a Social Network

US2018019226-3A1 – Predicting the future state of a mobile device user

US20080033826-A1-Personality-based and mood-base provisioning of advertisements.